

VOZES
POPULARES
DA ECONOMIA
REVISTA - 2ª EDIÇÃO

SUMÁRIO

2

O que são as
Vozes Populares
da Economia?

4

Estar na roda é...

6

Mulheres, práticas
e saberes em
movimento

14

Sistematizando
saberes e
encontros

22

Economia dos
Setores Populares,
o que a Capina tem
a dizer sobre isso?

O QUE SÃO AS VOZES POPULARES DA ECONOMIA?

Desde sua origem, a Capina atuava diretamente com grupos e iniciativas econômicas populares. Em 2002, percebe a importância de compartilhar o conhecimento acumulado nessa trajetória com trabalhadoras e trabalhadores do campo social. A metodologia de trabalho da Capina é abrir espaço para emergir o que é essencial no grupo, construindo sempre em conjunto.

O trabalho com iniciativas da Economia dos Setores Populares, exige que se considere primeiro a realidade

do grupo, o que ele efetivamente faz para organizar a sua atividade econômica para depois, no processo, perceber quais necessidades o grupo apresenta. Por acreditar que a troca de informações e experiências é essencial, a Capina realiza rodas de conversa para proporcionar um momento em que diversas e potentes iniciativas, que formam as “vozes populares da economia”, possam se reunir para conversar sobre suas práticas e formar redes.



Solidariedade

TRANSFORMAR

Luta

TROCA DE
DÉIAS



ESTAR NA RODA É...

"A roda de conversa ao mesmo tempo que dá luz às iniciativas, ela debate questões contemporâneas e dá visibilidade a iniciativas super potentes e que podem ser inspiradoras de outro processo. O papel da roda de conversa é reunir pessoas para que encontrem outras formas de se organizar!"

Terezinha Pimenta





No início de 2017, a Capina - Cooperação e Apoio a Projeto de Inspiração Alternativa, iniciou um trabalho de identificação de grupos da economia popular protagonizados por mulheres na região Metropolitana do Rio de Janeiro que demandavam por apoio e formação no campo da gestão. Por meio de diálogo com organizações parceiras, visitas à feiras de diferentes municípios e participação em reuniões de Fóruns de economia solidária da região, identificamos 23 iniciativas econômicas, de diferentes setores – gastronomia, costura, artesanato, prestação de serviços com penteados e estética, agricultura e agroindustriais - que demandavam por formação em gestão.

A experiência de formação foi realizada durante um período de dois anos consecutivos (abril/2017 a maio/2019), como o propósito de estudarmos conjuntamente cada uma das iniciativas econômicas partindo da prática de cada grupo e interrogando a forma como organizamos o trabalho. Desafiando-nos a construção de práticas econômicas – individuais, familiares e associativas – que sejam sustentáveis, não apenas do ponto de vista econômicos e financeiro, mas também do ponto de vista cultural, social, ambiental e ético.

Denominada “O Protagonismo das Mulheres na Economia dos Setores Populares: práticas, saberes e territórios em movimento”, a formação foi uma experimentação para todas as pessoas e organizações envolvidas. Para a CAPINA inaugurou um novo campo de trabalho por se tratar de uma formação de médio prazo específica para mulheres na região Metropolitana do Rio de Janeiro. Para as mulheres, significou uma oportunidade de dialogar sobre suas experiências de vida, as práticas de trabalho no âmbito das iniciativas econômicas e um primeiro contato com a elaboração de estudos de viabilidade econômica, de ferramentas de gestão democrática e a construção de espaços de debates que problematizaram as condições de vida das mulheres e o direito a cidade – especialmente na região Metropolitana do Rio de Janeiro.

Durante a jornada de formação



MULHERES, PRÁTICAS E SABERES EM MOVIMENTO



desenvolvemos quatro modalidades de atividades: (1) encontros presenciais com todo o coletivo da formação; (2) rodas de conversa; (3) intercâmbios; (4) atividades nos territórios, como visitas às unidades produtivas e aos espaços de comercialização. Estar nos diferentes territórios da região Metropolitana do RJ junto as mulheres foi importante para compreendermos os processos de trabalho peculiaridades de cada grupo e, assim, os diferentes efeitos da formação para cada iniciativa econômica.

A Metodologia desenvolvida corresponsabilizou o coletivo sobre os

caminhos da formação, por meio da construção de equipes de gestão, sendo estas: coordenação, registro, infraestrutura, avaliação e outras linguagens. Um campo de experimentação de gestão democrática, entendendo que quando tratamos de poder não se apreende por discurso, mas ao exercê-lo. Ao final do processo de formação, no início de 2019, o coletivo se reencontrou. Durante uma oficina que durou dois dias consecutivos, revisitamos o caminho trilhado e identificamos um “antes e um depois” de cada uma que se envolveu diretamente com o processo

EMPREENHIMENTOS POPULARES

Retagonizados por Mulheres

NO RIO DE JANEIRO

- NOVA IGUAÇU
- PARACAMBI
- DUQUE DE CAXIAS
- SEROPÉDICA
- GUAPIMIRIM
- RIO DE JANEIRO



as mulheres, suas iniciativas econômicas e nós – assessor/a educador/a da Capina.

A Formação, que tinha chegado ao fim, representou um campo de experimentação que possibilitou conhecermos mais profundamente os processos de trabalho, fortalecendo a produção, a comercialização e as redes de articulações políticas nas quais atuamos. Houve casos das mulheres mobilizarem a criação de coletivo para auto organização em nível municipal, desenvolverem novos produtos, adicionarem “pausas” a rotina de trabalho e criarem ferramentas de registros. Surpreendeu constatar que houve um aumento da produção comercializada, em média, de 44% considerando 15 grupos que participaram ininterruptamente de toda a Formação.

Pelo intenso processo coletivo de aprendizagem, nos desafiamos a produzir uma sistematização junto as mulheres, a olhar mais profundamente para esse campo de experimentação e identificar, entre tantos acumulados, qual ou quais potencializaram mais os nossos trabalhos, e, embora se refiram a experiências em territórios específicos, poderiam significar aprendizados possíveis em outros contextos.

Assim, iniciamos o processo de sistematização com uma pergunta geradora: Quais ferramentas ou conteúdos trabalhados durante a Formação que mais me apropriei? O esforço era por identificarmos, entre tantas ferramentas, conteúdos e experiências que trocamos durante a formação quais colocamos em prática em nosso cotidiano e consideramos que potencializaram a gestão democrática.

Três foram os destaques (1) a importância do “registro”, seja os internos aos grupos ou os externos, com o objetivo de comunicar o trabalho; (2) as luzes dada pela ferramenta do “passo a passo” como disparador dos estudos de viabilidade econômica e, fundamentalmente, uma espécie de “pesquisa” sobre a gestão das iniciativas; e (3) a valorização dos “debates” emergiu junto à constatação que as relações entre as pessoas nos grupos geralmente é o desafio central, para isso precisamos estar

dispostas a dialogar e fazer as informações/ poder circular. A oficina foi acompanhada por uma “facilitadora gráfica”, que produziu uma tradução visual do processo por meio de desenhos, ilustrações, palavras e frases de destaque – a sistematização se apresentava em cores e sentidos.

Dessa forma, vimos emergir uma síntese que expressava os acumulados da formação e decidimos fazer um material para disseminação com esse conteúdo. O formato? Uma dobradura, com fotos, pouco texto e bem colorida. A conclusão era que o “produto” precisava ser simples e visualmente atrativo, para que as pessoas e os grupos tivessem curiosidade de abrir, ler, socializar e, sobretudo, se identificar com aquele saber coletivamente construído que não era mais apenas da Capina e das mulheres.

Tal processo de sistematização de experiência teve a potência de produzir reflexões críticas de nossas práticas e dar luz a um conjunto de saberes que alimentou a nós e as mulheres sistematizadoras, e, acreditamos, que potencialmente seja possível alimentar outros trabalhos, outras iniciativas econômicas populares e outras/ os educadoras/es por isso compartilhamos esse processo e o material.

Maria Luiza Barbosa e Robson Patrocínio



o que é esse tal de

DEBATE?

“Não tem
mudar
falar so

- RODA DE CONVERSA COM DIVERGÊNCIA DE OPINIÕES
- ENCONTRO PARA EXPOR NECESSIDADES E LEVANTAR SOLUÇÕES
- MEDIAÇÃO PODE CRIAR ACORDOS DE NÃO-VIOLÊNCIA

É UMA ÓTIMA
OPORTUNIDADE DE
APRENDER UMAS
COM AS
OUTRAS

EU ACHAVA QUE O
DEBATE ERA UMA
REUNIÃO CHATA,
DIFÍCIL DE ENTENDER,
SEMPRE COM GRITOS
E ONDE EU NUNCA
POSSO FALAR



Como
e algo sem
bre ele!! "

TEMOS QUE
DESMITIFICAR A
PALAVRA DEBATE!
É UM ENCONTRO PARA
PENSAR QUESTÕES
DO COTIDIANO

ESSENCIAL PARA
COMPREENDER REALIDADES
LOCAIS, ARTICULAR COM OUTROS
GRUPOS E FAZER TRANSFORMAÇÃO



NOSSA SOCIEDADE TEM
QUE REAPRENDER A
DIVERGIR SEM
EXCLUIR E A
DISCORDAR COM
RESPEITO



Sistematização da Formação

O PROTA
SETORES P

o que é importante

REGISTRAR?



- MOMENTOS
- REFLEXÕES
- PRODUTOS
- FATOS HISTÓRICOS
- PASSO A PASSO
- ENDEREÇO



AGENTE
TEM QUE
ADIANTE
O QUE A
APREN



A EXPOSIÇÃO
DA MARCA
A LINGUAGEM
DO NOSSO PROD

AGONISMO DAS MULHERES NA ECONOMIA DOS POPULARES NO RIO DE JANEIRO E REGIÃO METROPOLITANA



?!

para que serve o

PASSO A PASSO?

PASSAR
TUDO
GENTE
YDE

METODOLOGIA
ADAPTÁVEL PARA
PRODUTOS e PROCESSOS



- OLHAR O PRODUTO COMO UM TODO
- CHECAR A RENTABILIDADE DA PRODUÇÃO
- ECONOMIZAR TEMPO E DINHEIRO
- DIMENSIONAR OS GASTOS
- VALORIZAR NOSSO TEMPO
- EVITAR PERDA E DESPERDÍCIO

ÃO
A É
GEM
UNTO



As Rodas de Conversas da Capina são espaços de encontros e reencontros também. Para além das experiências e grupos que engendram a diversidade de economias populares, também integram as vozes e saberes de assessoras/es técnicas/os e educadoras/es populares que atuam em diferentes terrenos e setores dessas economias. E o encontro de 2019 acontece concomitante ao exercício de sistematização de conteúdos e experiências da Formação da Capina voltada para esses sujeitos, o qual resultou numa outra espécie de roda de conversa.

E por que sistematizar? Para a Capina, o objetivo com a sistematização foi organizar e reforçar quais aprendizados seguimos alcançando no âmbito da formação com educadoras e educadores populares. Provocar a reflexão sobre o trabalho no campo da formação com quem trabalha com os grupos. Não é um exercício pontual da Capina. Nosso sentimento e ímpeto do porquê sistematizar encontra ressonância nas considerações de Oscar Jara, para quem:

“(...) a partir do seu ordenamento e reconstrução, descobre ou explicita a lógica e o sentido de processo vivido nas mesmas; os diversos fatores que intervíram; como se relacionaram entre si e porque o fizeram deste modo. A sistematização de experiências produz conhecimentos e aprendizagens significativas que possibilitam apropriar-se criticamente das experiências vividas (seus saberes e sentimentos), compreendê-las teoricamente e ordená-las na direção de um futuro com uma perspectiva transformadora (Oscar Jara, 2006, pg.12).”

Dessa forma, sistematizamos elementos da metodologia; problemáticas que incidiram durante a formação sobre autonomia das mulheres, sobre registro de notas, viabilidade econômica, gestão democrática e sustentabilidade das experiências. As perguntas; os saberes trocados e produzidos durante a formação; as formas de enfrentamento das crises e ameaças dos tempos atuais; quais informações significam empoderamento; quais têm sentido político; o campo da subjetividade

SISTEMATIZANDO SABERES E ENCONTROS



desse sujeitos; “brechas e estratégias” com o processo – as mulheres, suas iniciativas econômicas e nós – assessor/a educador/a da Capina.

A partir de uma autorresponsabilidade de produzir novas perguntas sobre um processo histórico de mais de 20 anos no campo da formação de educadoras/es e assessoras/es imersos nas economias populares, para guiar os passos futuros, orientados por tantas aprendizagens advindas de um trabalho com e entre tantos profissionais e trabalhadores desse campo, sistematizamos um conjunto de conteúdos que reforçam a Capina também como

um projeto continuum, sempre em formação.

A sistematização como um olhar para a nossa história

Na elaboração das propostas de formação formuladas a partir de 2016, a Capina se fez as seguintes perguntas: O que queríamos com essas formações? Por que, a certa altura, estávamos propondo duas formações concomitantes: uma com os e as assessoras/es educadoras/es e outra com participantes de iniciativas econômicas populares protagonizadas por mulheres?”

Para entender o que nos mobilizou, é preciso

olhar o retrovisor da nossa própria história. Desde 2009, parte das organizações do campo social perderam grande parte das suas fontes de financiamento e entraram em uma crise que colocava em risco a sua sustentabilidade. Nesse contexto, tanto a Capina como seus parceiros buscaram desenvolver outras estratégias para captação de recursos, ao mesmo tempo em que conviviam com a precarização das condições de trabalho, expressa majoritariamente na redução das equipes e na instabilidade dos vínculos dos/as assessores/as no acompanhamento dos grupos populares. Formar novas turmas de assessores/as e educadores/as com disponibilidade para se ausentar de suas tarefas para uma semana de imersão – um dos pré-requisitos da metodologia e que insistíamos em não abrir mão – já não fazia parte da realidade se comparado ao momento em que essa metodologia foi pensada, no início dos anos 2000. Como, então, encontrar um desenho para uma formação que, até aquele momento, mostrava sinais de eficácia presentes nos relatos dos diversos egressos com quem conversávamos? Como manter a alta qualidade de um instrumento pedagógico em condições tão adversas?

Tal adversidade se expressou, num primeiro momento, na escolha do local de intervenção. Inicialmente, o projeto ocorreria no Estado da Paraíba, celeiro de iniciativas socioproductivas e ambiente favorável onde contávamos com diversas parcerias entre organizações da sociedade civil, universidades e governo. As mudanças ocorridas nos primeiros meses do golpe institucional em 2016, que gerou o impeachment da então presidenta Dilma Rousseff, fragilizaram as instituições locais e não foi possível manter a decisão de desenvolver o projeto naquele estado.

A saída mais pertinente para aquele momento foi optar por desenvolver o projeto no Rio de Janeiro, estado próximo geograficamente, mas distante na história de intervenção da Capina.

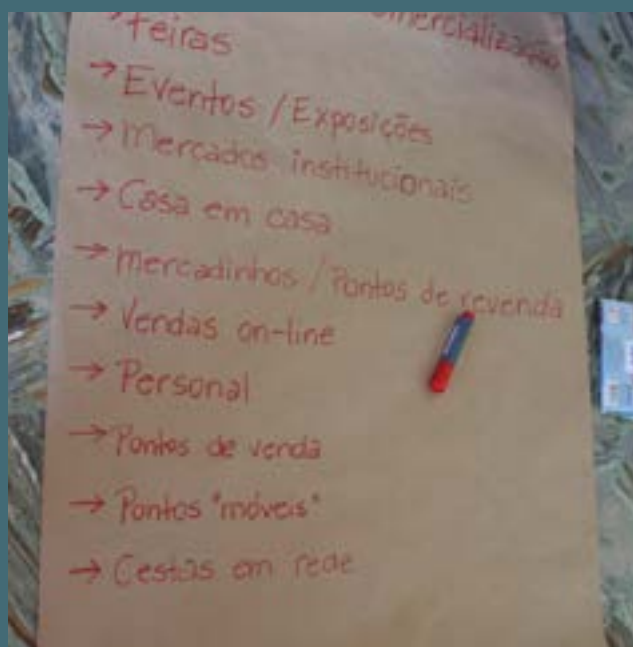
Nesse percurso, produzimos muitos flashes. Aqui, destacamos os que nos facul-

taram maior aprendizado para nós e para quem pôde estar conosco nessa trajetória.

As Formações: a sustentabilidade das iniciativas econômicas populares

Temos realizado algumas formações com vistas à construção de Planos de Sustentabilidade das iniciativas econômicas do campo da ESP. Esse trabalho não se reduz a um plano de negócios (PN) tradicional.

Ampliando a perspectiva de um PN tradicional, sugerimos a elaboração de um Plano de Sustentabilidade de



Empreendimentos Populares Associativos, que, mais do que o cumprimento de uma obrigação contratual, a depender da forma como é conduzido, pode vir a se constituir em rico exercício ao estimular os(as) associados(as) a conferirem e aprofundarem o conhecimento de cada um(a) sobre a sua atividade – esteja ela em fase de planejamento ou já em operação.

A proposta é provocar a reflexão do grupo, instigando-os a se questionarem através da elaboração de boas perguntas: o que vamos produzir? Em que quantidades? Quem é o comprador do produto? É possível produzi-lo a um custo comercialmente viável? Todos(as) conhecemos bem o processo de fabricação? Como será garantido o acesso

expressões

SOBRE UMA PROPOSTA DE FORMAÇÃO

Sistematização
da Formação
Capina

às informações importantes para todos(as) os(as) envolvidos(as)? Quem fará o que em cada etapa do trabalho? E muitas outras perguntas possíveis conforme a realidade vivida pelo grupo

Importante observar que a nossa perspectiva de gestão democrática não implica que todos(as) façam tudo, mas sim que cada um(a) SAIBA não só o que lhe cabe fazer mas também o que o(a) outro(a) faz e por quê.

A intenção é, neste caso, além de contemplar a diferença existente entre a lógica da gestão empresarial da lógica da gestão de uma iniciativa econômica popular, incentivar a reflexão sobre o papel político de cada um(a) dos(as) envolvidos(as) nessa iniciativa.

Garantir os meios de reprodução da vida através de uma iniciativa econômica popular é, sobretudo, uma atitude de resistência ao sistema em que estamos inseridos.

A construção coletiva de um Plano de Sustentabilidade pode ser uma excelente oportunidade de pensar o trabalho, rever procedimentos e atuar de uma forma diferenciada, exercitando a circulação de PODERES, no campo da Economia dos



Setores Populares.

O exercício de formular estas perguntas em conjunto e de buscar suas respostas tem boas chances de gerar conhecimento para o grupo, diminuindo incertezas e conflitos potenciais, ampliando suas chances de sustentabilidade.

Ainda na perspectiva de atuarmos no Estado da Paraíba, propondo a experimentação de novos formatos, promovemos: **a Formação para assessoras, assessores, educadoras e educadores populares: um diálogo entre e com quem atuam no campo da Economia dos Setores Populares**

Essa formação, entre tantas outras, pretendeu trazer à tona questões que incidem sobre a ESP, tomando como ponto de partida as práticas formativas que diversos assessoras/es e educadoras/



es vinham desenvolvendo junto aos empreendimentos da ESP. A partilha de como se dá o uso das ferramentas de viabilidade econômica, das tecnologias desenvolvidas pelas iniciativas e das práticas de gestão que estão sendo trabalhadas por assessoras/es e educadoras(es) de diferentes organizações propiciou à Capina receber respostas de dos estados da Paraíba, São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro. Nesse novo coletivo, contamos

com pessoas que estiveram próximas da Capina em diversos momentos diferentes. Foi uma excelente oportunidade para trocas e produção de novos conhecimentos.



Essa foi uma experimentação que, mesmo com a limitação de tempo, conseguiu produzir análises sobre os elementos da formação dos quais não abrimos mão: a alternância, as equipes de gestão, a imersão, o passo a passo e os trabalhos de campo.

Juliana Torquato Luiz







*Bons encontros e
muitos sorrisos na
roda de conversa
realizada em
novembro de 2019.*





As conversas e os reencontros deram a tônica do evento.

Vozes Populares da Economia é lugar de encontro, de troca, de luta!

"A luta por moradia não é só luta por moradia, é por sobrevivência, é resistência."

Alessandra - União Nacional por Moradia Popular

"Existem jovens lutando pela agricultura. As pessoas dizem que o jovem precisa trabalhar, mas não entendem que a agricultura é geração de renda."

Samuel - Juventude Agroecológica

"A Concreto é uma empresa, é correria, é uma luta, é afeto também. Costumo dizer que quando mulheres pensam num espaço, pensam numa obra, pensam desde a praça pública, não pensam só no umbigo dela, ela consegue pensar de forma mais ampla. É importante pensar que quem pensa nossa cidade anda de helicóptero, não utiliza nossos espaços."

Geisa - Concreto Rosa

"A educação popular é um pilar e pensar nela como um direito humano, não uma educação que está voltada apenas para que as pessoas façam a prova do Enem, mas que pensem nesse lugar da educação, da nossa vida, da continuidade, da perspectiva vocacional, mas também como um processo de formação nosso enquanto sujeitos e sujeitas. Nosso processo de formação nunca é localizado, está sempre em relação com o que está acontecendo ao nosso redor e no mundo."

Marina - Instituto de Formação Humana e Educação Popular



Esse processo de formação foi muito importante para nós, a Capina foi um divisor de águas. Passamos por um empoderamento muito forte ao longo da formação. A gente veio por causa do artesanato, mas o que bateu mais forte para nós não foi o estudo de viabilidade. Claro, foi importante. Mas, para nós, a discussão sobre o cenário político que estávamos atravessando foi o que mais nos marcou. Isso nos sacudiu de uma forma que gente entendeu que precisava sair do nosso comodismo, começamos na nossa cidade um movimento de mulheres, de roda de conversa, em que discutimos a questão do feminismo, do autocuidado, da violência contra a mulher. Isso dividiu águas para nós. A formação pra gente foi algo assim mesmo,

AC, DC antes da Capina e depois da Capina.

Patricia Gonçalves - Assistente social



ECONOMIA DOS SETORES POPULARES, O QUE A CAPINA TEM A DIZER SOBRE ISSO?

"(...) prefiro limitar o termo economia popular à economia espontânea daqueles e daquelas que não encontram lugar no mercado de trabalho e tomam iniciativas econômicas voltadas para garantir a sobrevivência física própria e de suas famílias."

Marcos Arruda

"Na maioria das vezes, essas atividades se organizam a partir de convocações mais diretas dirigidas às populações como parte de um programa ou projeto de trabalho comprometido com propostas institucionais ou com os seus financiamentos. Também encontramos iniciativas que surgem do esforço de organização dos próprios trabalhadores, manifestando as suas formas de sobrevivência e de enfrentamento num sistema que descuida das suas condições de existência."

Katia Aguiar

"(...) designamos por economia dos setores populares as atividades que possuem uma racionalidade econômica ancorada na geração de recursos (monetários ou não) destinados a prover e repor os meios de vida, e na utilização de recursos humanos próprios, agregando, portando, unidades de trabalho e não de inversão de capital."

Gabriel Kraychette

"Há uma economia que é pública e há uma economia do capital. A economia popular é parte dessa economia capitalista. É preciso afirmar que o sistema econômico capitalista não é um sistema homogêneo, formado apenas por empresas do capital. Nele se incluem também as formas todas que, um dia, foram chamadas de informais; todas aquelas formas populares de reprodução da força de trabalho. Neste momento, o sistema capitalista não está mais precisando do trabalho de toda a população e, por isso, ele vem excluindo as pessoas de forma massiva."

José Luís Coraggio





Brot
für die Welt